



HOMENAGEM A MÁRIO LÚCIO ALVES BAPTISTA

Sérgio Kehdy¹

Em novembro de 2014, faleceu, em São Paulo, Mário Lúcio². Além da consternação geral, das saudades que já estávamos sentindo, sua falta deixa uma lacuna irreparável na Psicanálise brasileira.

Mário foi um homem intenso em todos os sentidos, apaixonado pelo que gostava, nunca vacilou sobre o entrar completo nos assuntos que o interessavam. Uma de suas características mais notáveis era a forma como ele 'entrava' nas coisas, sempre totalmente, mas jamais deixava de pensar ou perdia a lucidez e nunca atuava de forma agressiva ou destrutiva. Esse aspecto merece ser detalhado, pois era um traço importante da personalidade do Mário.

Os ataques e divergências não alteravam a maneira que ele via a si mesmo. Custava a acreditar nas maldades humanas, mesmo não sendo ingênuo, não era um crédulo, refiro-me a algo maior, intrínseco e que mostrava para quem convivia de perto que, de fato, as ações deletérias dos outros não o diminuía e nem abalavam sua crença nos amigos, em si mesmo ou seu humor.

Amigo fiel, mais do que isso, solidário de comover os que provaram de sua capacidade empática, como foi o meu caso. Desprendido, ele era capaz de fazer doações inacreditáveis. Todos nós sabemos que

¹ Psiquiatra e Psicoterapeuta da Associação Brasileira de Psiquiatria; Psicanalista (Membro Efetivo) da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG).

² Nasceu em 8 de novembro de 1937 e faleceu em 22 de novembro de 2014.

descrever sentimentos é impossível e parecem lugar comum elogios aos que partem, lamento por isso, porque no caso do Mário tudo era feito de modo livre, intenso e com uma alegria que contagiava. Horas com o Mário pareciam minutos, jamais era cansativo e nunca fazia brincadeiras irônicas que pudessem fragilizar o interlocutor.

Não tinha medo, falava o que pensava e defendia suas opiniões, às vezes com teimosia, mas não gerava mágoas. Essa capacidade poucas pessoas possuem. Pensando sobre isso, só posso concluir que é decorrência de sua autenticidade, que gera a convicção interna de coesão e de que a vida valia a pena. Meu amigo era assim, brigava quando precisava, expressava-se com veemência, mas nunca se envergonhava de suas coisas e, incrível, não se sentia ameaçado por nada e, mais ainda, conseguia fazer reparações com uma facilidade invejável.

Ter convivido com ele de forma próxima, com milhares de almoços, jantares e nas diversas ocasiões, sinceramente, foi uma das boas coisas de minha vida. As gargalhadas com as piadas, com as situações engraçadas e com os acontecimentos diversos mostravam como ele era capaz de ver o outro. Ao lembrar, não consigo não me emocionar e ser tomado de uma imensa saudade, que é a única forma de tê-lo presente.

Esses momentos foram fonte de muito aprendizado para mim, pois a sabedoria é assim, faz parte do ser e não é fragmentada. Como aprendi nesses momentos sobre a vida, sobre a maneira de lidar com situações difíceis e sobre ser psicanalista, ou seja, ser verdadeiro sempre. Mário cozinhava bem e quando fazia era com a alegria de sempre. Adorava as pessoas, a família, tinha um respeito enorme pela mãe idosa, pelas irmãs e pelos filhos, um grande amor e admiração e, porque não, também os meus filhos, que o amaram muito. Ligada ao Mário e em quase todos os momentos conosco esteve a Penha, discreta e mais calada, mas grande companheira. Como sinto falta: "Sérgio e Regina venham aqui em casa que a Penha trouxe umas coisas do Santa Luzia" (um Supermercado chique de São Paulo). As "coisas" eram especiarias raras para nós. O tempo nos dilacera quando vem à mente essas situações. Obrigado Penha, por esses momentos eternos.

Esse foi o homem, amigo leal, honesto em todos os sentidos, intenso.

Mário fez Medicina em Uberaba e, como sempre, era sintonizado com seu tempo. Contava-me mil histórias de sua época de estudante e de república. Foi Vice-Presidente da UNE - o que lhe custou fuga e mudanças em seu currículo. Formou-se e, após mil aventuras, as quais contava de forma esparsa e oportuna, assim eu soube que chegou a fazer até um filme. Como médico, fez cirurgia cardiovascular que estava em seus primórdios, mas por diferenças ideológicas desistiu e mudou-se para o interior de São Paulo, onde praticou a Medicina de forma ampla e irrestrita. Clinicou, fez partos, cirurgias e tudo o mais e, como sempre, incapaz de deixar passar a vida em branco, foi vereador e influenciou na comunidade. Fez de tudo e mais um pouco e, pelos relatos, da mesma forma assim também foi psicanalista, ou seja, inteiro, ativo e simples, mas jamais simplório.

Pai de três filhos, ele precisava trabalhar e ganhar a vida, mas mesmo assim não era homem de abrir mão de seus desejos e especializou-se em Psiquiatria em Itapira, clínica até hoje famosa e conhecida. Já tinha tido uma experiência analítica e podemos inferir que ser psicanalista já estava em sua mente e talvez já resolvido.

Fez formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e falava com muito afeto e orgulho de seu analista, Isaias Hessel Melsohn, com quem manteve uma relação de grande amizade e gratidão. No período de candidato foi muito atuante e lutou pela democratização das sociedades psicanalíticas, foi um dos mentores e fundadores da Associação de Candidatos. Uma vez na Sociedade, sempre ocupou cargos e participou de forma intensa das discussões e decisões societárias e soube, como poucos, fazer política institucional. Tranquilo, não criava arestas pessoais e não criou inimigos, assim como também não abriu mão do que achava certo. Não se esqueçam de que ele era mineiro e gostava de assumir seu estado. Não tenho interesse em citar os cargos e colocá-los em ordem cronológica, visto que com Mário as informações apareciam conforme as circunstâncias. Sendo fiel a ele, imagino que não gostaria disso. O importante é que, de cada um dos cargos ocupados, ele tinha histórias e deixou sua marca.

Tinha um grande conhecimento teórico e sua clínica era impecável. Tinha horror às estereotípias psicanalíticas, às interpretações chavões, à hipocrisia e a algumas posturas esnobes. Aprender com o Mário era quase imperceptível, só depois é que eu me dava conta, porque sempre parecia uma conversa simples e verdadeira.

Na Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), Mário foi de total importância. Fez parte de várias diretorias, pois os novos presidentes não abriam mão de tê-lo, pois tinha uma capacidade de articular e resolver pendências sem traumas e sem ferir ânimos, como já disse várias vezes, embora repita também que nunca abriu mão de seus princípios éticos. Era um talento pessoal para compreender o ser humano e tranquilizá-lo. Eu mesmo fui beneficiado por ele e por isso não me tornei inimigo de pessoas de quem gosto. Criou o Movimento Articulação, que visava a não profissionalização dos psicanalistas. Esse movimento existe até hoje e defende a Psicanálise de qualquer ataque que possa nos colocar em risco.

Mudou-se para Belo Horizonte por razões pessoais e familiares, procurou-me e imediatamente nasceu um vínculo eterno, que me dou licença de repetir: um dos mais importantes de minha vida. Éramos núcleo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e logo sugeri que ele se tornasse presidente. O coordenador do Núcleo, Victor Manoel Andrade, gostou da ideia e nos apoiou. Sua presença mudou a face do grupo e quando passamos a Grupo de Estudos os *sponsors* não tiveram dúvida em afirmar que ele deveria ser o primeiro presidente, pois depois das entrevistas, concluíram que ele era unanimidade e sugestão de todos os membros.

Sua bondade, seu traquejo institucional e seus conhecimentos psicanalíticos foram e são referência para todos nós. Suas ideias próprias sobre o fenômeno da transferência e seus últimos trabalhos sobre a Teoria dos Campos ficarão para sempre.

Mário voltou para São Paulo em junho de 2011 para ficar mais perto de seus familiares. Reabriu seu consultório e, por indicação de Plínio Montagna, foi indicado e eleito um dos membros da comissão de ensino da SBPSP. Em maio de 2012, começaram as dores e, mesmo com elas, trabalhou até junho de 2013, quando não mais conseguia suportar

a mesma posição por muito tempo. Dizia-me, ao telefone, que precisava ficar mais deitado. Falávamos semanalmente e explicava que assim que melhorasse, viria a Belo Horizonte matar as saudades, pois o nosso convívio lhe agradava muito.

Mário foi intenso e inteiro como homem. Pergunto: pode existir algo melhor para ser analista?

Pode parecer piegas, mas não tem importância: Mário, obrigado por ter existido³.

³ Texto redigido em 14 de dezembro de 2014.